

Matriarcas, patriotas, andarilhas e vivandeiras: a presença feminina na Guerra do Paraguai

Maria Teresa Garritano Dourado- Mestre em História-UFMS

A história escrita do mundo é, em larga medida, uma história de guerras, porque o Estado em que vivemos nasceu de conquistas, guerras civis ou lutas pela independênciaⁱⁱⁱ. Ela é uma opção de um grupo contra o outro, é tão antiga quanto à história, tão universal quanto à humanidade, mas é uma atividade da qual as mulheres, com exceções insignificantes, sempre e em todos os lugares, ficaram excluídas, nunca figurando como atores principais. Quando se fala em guerras dos séculos passados, imaginamos sempre homens marchando a pé ou a cavalo, em situação de combate. Na teoria, a guerra era um universo de homens, armas, cavalos, fome, doenças, mortes, etc. mas, na prática, as mulheres tiveram um papel na Grande Guerra, tanto as brasileiras como as paraguaias, formando um segmento significativo, na retaguarda e nunca passivo, como mães, esposas legítimas ou não, enfermeiras, prisioneiras, escravas, fugitivas, etc., atuando nas mais diversas frentes de trabalho e enfrentando, junto com os homens, tudo o que uma guerra proporcionava. Mesmo que a escassez das fontes e o número pouco significativo de estudos que tratam da história social da Guerra do Paraguai, dificultem os trabalhos sobre o tema, cotejando-se os memorialistas com as pesquisas mais recentes, é possível avançar na história das mulheres. Nunca lembramos que elas, muitas vezes com filhos, acompanhavam seus maridos soldados e, como não havia abastecimento regular das tropas, trabalhavam, alimentando, socorrendo, plantando, lutando, ou mesmo comercializando gêneros de primeira necessidade. Viviam ocupadas demais em manter todo aquele aparato de guerra. De fato, a atuação feminina, sempre na retaguarda, não aparece como elemento que teve sua importância nas batalhas. Mas as mulheres lá estiveram, presença extra-oficial, formavam um exército “*invisível*”, incluída entre índios, velhos e crianças. Essa invisibilidade consegue atravessar os séculos chegando e se

firmando nos livros didáticos, onde a História do Brasil é o cenário predileto de diversos heróis viris. O registro da presença feminina e os destaques que a ela poderiam ser dados tornam-se uma raridade, pois só aos homens cabiam os papéis principais.

Escrever sobre esse tema é um verdadeiro trabalho de rastreamento, porque a escassez de vestígios acerca do passado das mulheres, produzidos por elas próprias, constitui-se num dos grandes problemas enfrentados pelos historiadores. Na historiografia brasileira, homens no poder escreviam sobre homens transformados em “heróis”, sendo as mulheres, quando mencionadas, meros detalhes, que nada contribuem para a compreensão do episódio ou, mesmo, do processo histórico.

Quando as mulheres simples do povo, seguidoras do exército, como as andarilhas, vivandeiras, prostitutas, “*transviadas sem nome e nem família*”, movidas pelos mais diversos motivos: econômicos, afetivos, comerciais, entre outros, acompanhavam os homens, criando modos de vida e sobrevivência na retaguarda das tropas, saíram do anonimato tornando-se *visíveis*, foi porque demonstraram algum ato de heroísmo. Mesmo assim, só tiveram direito ao primeiro nome, sendo a etnia lembrada com preconceito, o que as remetia a grupos sociais de origem humilde. As vivandeiras eram mulheres que acompanhavam o exército para vender víveres, bebidas e objetos de necessidade; muitas delas, eram também prostitutas. Com todo o preconceito existente, foram poucas vezes notadas. Sofriam como os homens à marcha extenuante, o sol, o frio, a fome, as chuvas que alagavam os campos, as doenças, os acampamentos sem as mínimas condições de higiene e as mortes.

Fonte preciosa de informação sobre o cotidiano de qualquer guerra são os diários, memórias, entre outros, escrito pelos combatentes, praça ou oficiais. Os Generais José Luiz Rodrigues da Silvaⁱⁱⁱ e Dionísio Cerqueira^{iv} registraram a presença feminina e o comércio das vivandeiras: “*o acampamento do commercio era o boulevard, o nosso famoso club...esse povo infeliz deu provas repetidas de caridade e altruísmo, em meio das agruras do seu infortúnio... essas mulheres que seguiam o exército não tinham medo de coisa alguma... dilaceravam as roupas em ataduras e lá permaneciam até o fim da refrega, attendendo a todos com solícitude carinhosa*”. O Capitão Pedro Werlang^v, relata que

algumas mulheres eram utilizadas como vaqueanas e para carregar material de artilharia: *...como vaqueanas ou guias serviam-lhe mulheres que tinham remanescido naquela zona...Tôdas as mulheres que acompanhavam nosso exército tinham que carregar munição de artilharia; nossa cavalaria ia a pé, pois havíamos nos livrados dos cavalos”.*

Em a *Retirada da Laguna*, narrativa romanceada sobre uma expedição brasileira na fronteira entre o Mato Grosso e o Paraguai, o autor, Alfredo Taunay, expõe as agruras vividas pelos segmentos femininos, discriminados e sem direitos a remédios, cuidados ou abrigo em caso de doença. Nessa expedição, que não suportou nem dois meses de luta devido à falta de abastecimento e a virulência da cólera, coube as mulheres o papel de coadjuvantes anônimas. *“Eram setenta e uma mulheres, todas a pé, exceto duas, montadas em bestas; carregavam quase todas as crianças de peito ou pouco mais velhas. Por heroína passava uma e todas a apontavam, quando um soldado paraguaio ao tentar arrancar o filho, tomou de uma espada largada no chão, e num salto matara o assaltante”.* O autor encerra o relato dizendo que, embora essa mãe houvesse adquirido o status de heroína por sua bravura, seu nome não foi registrado em lugar algum.

Dionísio Cerqueira, explicou, também, o aumento populacional, que ocorria nos acampamentos: *“Esses filhos do regimento creavam-se fortes e, livremente, cresciam nos acampamentos, espertinhos e vestidos de soldadinhos, com um gorro velho na cabeça e comendo a magra boia que com elles e as mães, repartiam os paes, brutaes ás vezes, mas quasi sempre amorosos e bons”.* Ao contrário de Cerqueira, outro memorialista, André Rebouças^{vi}, que redigiu um minucioso diário, abordou a presença feminina com ironia: *“Nada de mais comico do que o embarque d essa pobre Bohemia feminina..”.*

O General-de-brigada Joaquim Silvério de Azevedo Pimentel^{vii} menciona duas mulheres que o impressionaram: a gaúcha Florisbela e a pernambucana Maria Francisca da Conceição, a Maria Curupaiti. Florisbela, sobre quem não se conhece o nome completo nem a família, envolvia-se em lutas e auxiliava nos hospitais de sangue, ao passo que Maria Curupaiti, esposa de um cabo-de-esquadra, lutava ao lado dos homens sempre vestida de soldado. Seu marido morreu no assalto a Curuzu, mas ela continuou combatendo até ser

ferida e levada a um hospital onde se descobriu que era uma mulher. Daí por diante, passou a ser chamada Maria Curupaiti, respeitada pelos colegas de farda.

No início da guerra com o Paraguai, os jornais, que funcionaram como instrumento para incentivar o sentimento de nacionalidade e entusiasmo patriótico da população, transmitiam a muitos jovens brasileiros o amor pela pátria e a vontade de “servir ao Brasil”. O caso mais conhecido de alistamento de Voluntários da Pátria foi bastante registrado pela imprensa da época e por Taunay, que atribuiu a uma mulher um papel significativo na guerra. Apesar de irônico e preconceituoso, constatou que houve até mulheres soldadas como a Sargenta Jovita: “*Chegaram os retratos do Viegas, o meu antigo inspetor, e da interessante Jovita que me pareceu muito engraçada nos seus trajes de primeira Sargenta*”^{viii}.

Jovita Alves Feitosa, de dezessete anos, uma jovem piauiense de família simples, vestida orgulhosamente de homem, cortou os cabelos e apresentou-se, incógnita, ao Exército. Mas foi logo descoberta, virou notícia, e a sua história chegou aos jornais, sendo retratada pelo *Diário Liga e Progresso*, em 1865. Não se conhece toda a trajetória de Jovita após o alistamento nem as circunstâncias de sua morte em 1867. Segundo uma versão, ela teria se suicidado, inconformada com o esquecimento a que foi relegada, apesar do recebimento de homenagens e presentes quando retornara dos combates. Outra versão conhecida é a de que teria embarcado para o Paraguai, no vapor Jaguaribe, e morrido na batalha de Acosta Nu^{ix}.

As raras mulheres que foram vistas e mencionadas pelos memorialistas, com direito a nomes e sobrenomes, destacavam-se individualmente por serem casadas com homens que pertenciam à elite imperial, como, por exemplo; Ludovina Portocarrero, casada com o comandante do Distrito Militar do Baixo Paraguai, em Corumbá, às margens do rio Paraguai. D. Ludovina ganhou destaque por sua participação no grupo de resistência à invasão do forte por tropas paraguaias em 1864. Cerca de setenta mulheres, quase todas esposas de militares, fabricaram 3.500 balas de fuzil adaptando os cartuchos de menor calibre com pedaços de suas roupas^x. Duas mulheres simples do povo, Aninha Gangalha e

Maria Fuzil, tiveram seus nomes registrados, quando se aproveitando da escuridão da noite, desceram até o rio, em busca de água para os defensores do forte.

Uma outra senhora respeitável, com direito a nomes e sobrenomes, foi Rafaela Senhorinha Maria da Conceição Barbosa, mais conhecida como D. Senhorinha. Moradora da fronteira internacional em litígio, com limites ainda móveis, natureza primitiva, lutando pela terra e enfrentando todos os tipos de adversidades imposta por uma situação pioneira, viveu em um contexto de opressão pela guerra e em eterna luta pela sobrevivência. Foi casada, em primeiras núpcias, com Gabriel Francisco Lopes, um desbravador dos sertões que, fundou nas cabeceiras do Rio Apa, uma posse de terra, sendo assassinado por dois escravos. Em 1849, D. Senhorinha, seus filhos, escravos e mais algumas pessoas foram levadas por tropas paraguaias para o interior do país. Foram resgatados por interferência do Visconde do Rio Branco, quando se casa novamente com José Francisco Lopes, o famoso Guia Lopes da Laguna, eternizado por Taunay em *A Retirada da Laguna*^{xi}. A eclosão do confronto bélico com o Paraguai representou para D. Senhorinha, uma nova prisão, em 1864, juntamente com seus filhos e escravos, quando ao lado de centenas de outros moradores da fronteira e, por isso mesmo, muito mais expostos às agruras de uma guerra, quando são internados como prisioneiros, no interior do Paraguai, agora por um tempo e sofrimento muito maior. Foram resgatados pelo Exército Brasileiro sob o Comando do Brigadeiro Câmara, no Distrito de Conceição, em 1869, doentes, desnutridos, sem comida, roupas e sapatos^{xii}.

Dentre todas as mulheres registradas pela História na Guerra do Paraguai, porém, a mais conhecida é a enfermeira voluntária, Ana Justina Ferreira Nery. Viúva de um homem de projeção na época, o capitão-de-fragata Isidoro Antônio Néri, Ana, acompanhou e cuidou dos três filhos combatentes até o Paraguai. Na época que residiu em Corrientes, Humaitá e Assunção, tratou de doentes e feridos em hospitais e sofreu a perda de um filho e um sobrinho. Por sua atuação, ficou conhecida como a *“mãe dos brasileiros”* e recebeu uma coroa de ouro de um grupo de senhoras onde se lia *“à heroína da caridade, as baianas agradecidas”*.^{xiii} É possível pensar que, se não tivessem esposos vistos como heróis, jamais

seriam conhecidas. Portanto, a mulher que, esporadicamente, é lembrada nos relatos na Guerra do Paraguai é a esposa corajosa, fiel e abnegada.

A temática feminina na Guerra do Paraguai foi abordada pela historiografia tradicional, pelos memorialistas, artistas, viajantes estrangeiros e, também pelos historiadores contemporâneos, produzindo uma história permeada de lacunas e silêncios, tornando precário o conhecimento das mulheres que viveram este cotidiano e nele tiveram um papel, mas que, quase sempre, não apareceram nos registros oficiais. Ao longo do século XX, a Guerra do Paraguai foi abordada pelos memorialistas e historiadores mato-grossenses sob premissas específicas, sendo que o discurso histórico, com fortes conotações memorialistas, construído pelos intelectuais mato-grossenses, esteve, sempre, atrelado aos grupos que disputavam e partilhavam o poder, dando-lhes, principalmente, legitimidade^{xiv}.

A história, por mais distante que esteja, tem por objetivo provocar reflexões sobre o mundo atual. Seria um erro pesquisar os fatos passados, dar luz a uma época, interpretar fatos que tenham significado algo, ler nas entrelinhas, enfim, dar vozes ao passado, e isso nada significar ou contribuir para as pessoas da época presente. Como a história é sempre contada do ponto de vista do dominador, que era o homem branco, foram raras as mulheres que constaram dos textos oficiais. Portanto, não foi meu objetivo, simplesmente, constatar e criticar essa lacuna na histórica oficial mas, sim, rever o passado e trazer à tona algumas brasileiras fantásticas que participaram da guerra e, com isso, ajudar a construir um futuro mais igualitário, com o papel da mulher reconhecido.

ⁱ Keegan, John. Uma História da Guerra. 1995.

ⁱⁱⁱ José Luis Rodrigues da Silva. Recordações da Campanha do Paraguai. (s.d.)

^{iv} Dionísio Evangelista de Castro Cerqueira. Reminiscências da Campanha do Paraguai. 1929.

^v Klaus Becker. Alemães e Descendentes - Do Rio Grande do Sul - Na Guerra do Paraguai. 1968.

^{vi} André Rebouças. Diário: A Guerra do Paraguai. 1973.

^{vii} Joaquim Silvério de Azevedo Pimentel. Episódios Militares. 1920.

^{viii} Alfredo Taunay. Cartas da Campanha de Matto Grosso: 1865 a 1866. 1944.

^{ix} Kelma Matos. Jovita Feitosa. 2001.

^x Cláudio Moreira Bento. Bicentenário do Forte de Coimbra. 1975.

^{xi} João Batista de Souza. Evolução Histórica Sul de Mato Grosso. 1960.

^{xii} AHI. Consulado Brasileiro. Ofícios recebidos. Assunção. 1855-1881.

^{xiii} Renato Lemos. Benjamin Constant: Vida e História. 1999.

^{xiv} Osvaldo Zorzato. Conciliação e Identidade: considerações sobre a historiografia de Mato Grosso (1904-1983) Tese doutorado. 1998.